



3 1761 07041611 0

AMILO CASTELO

BRANCO

PURGATORIO

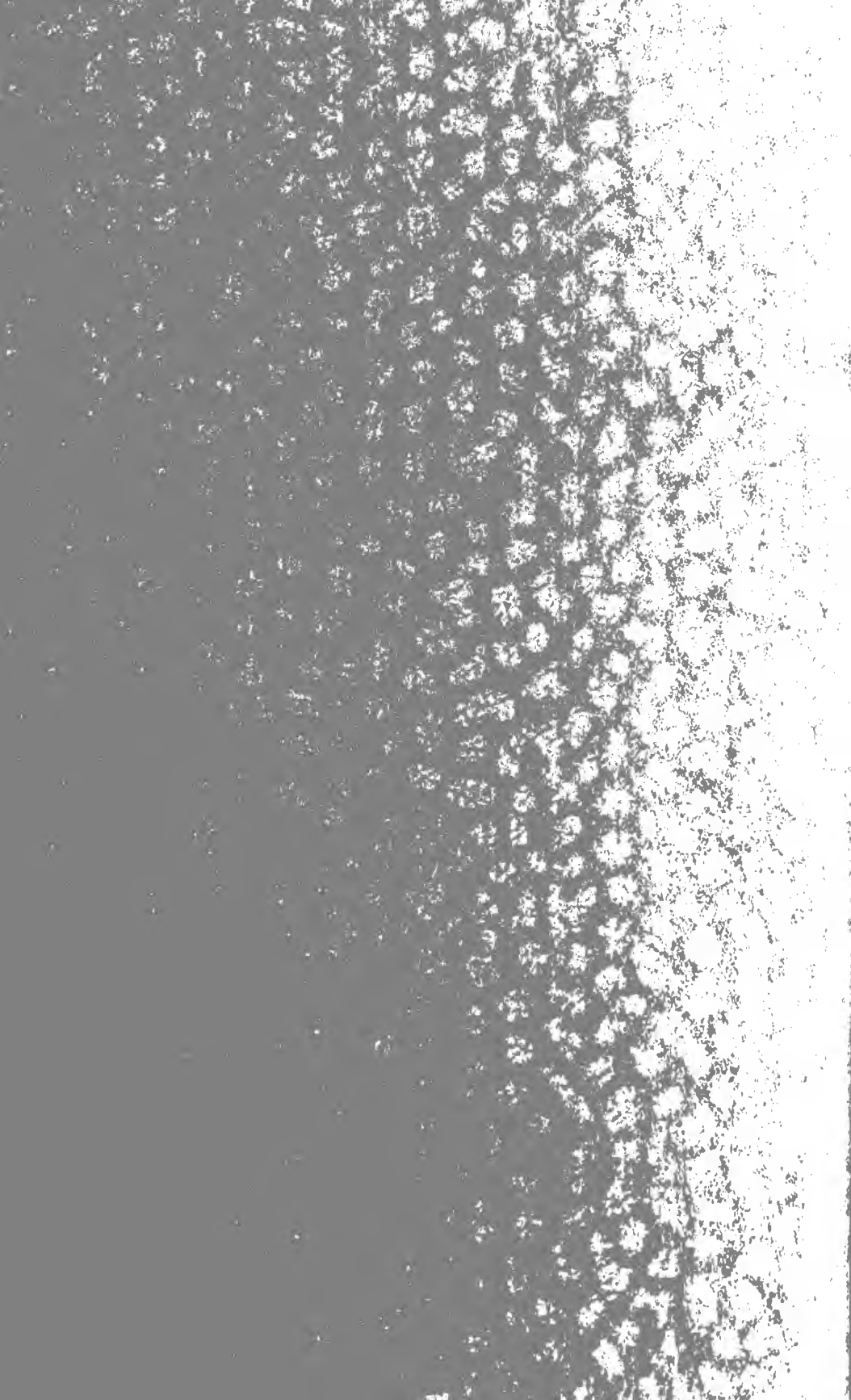
E PARAIZO

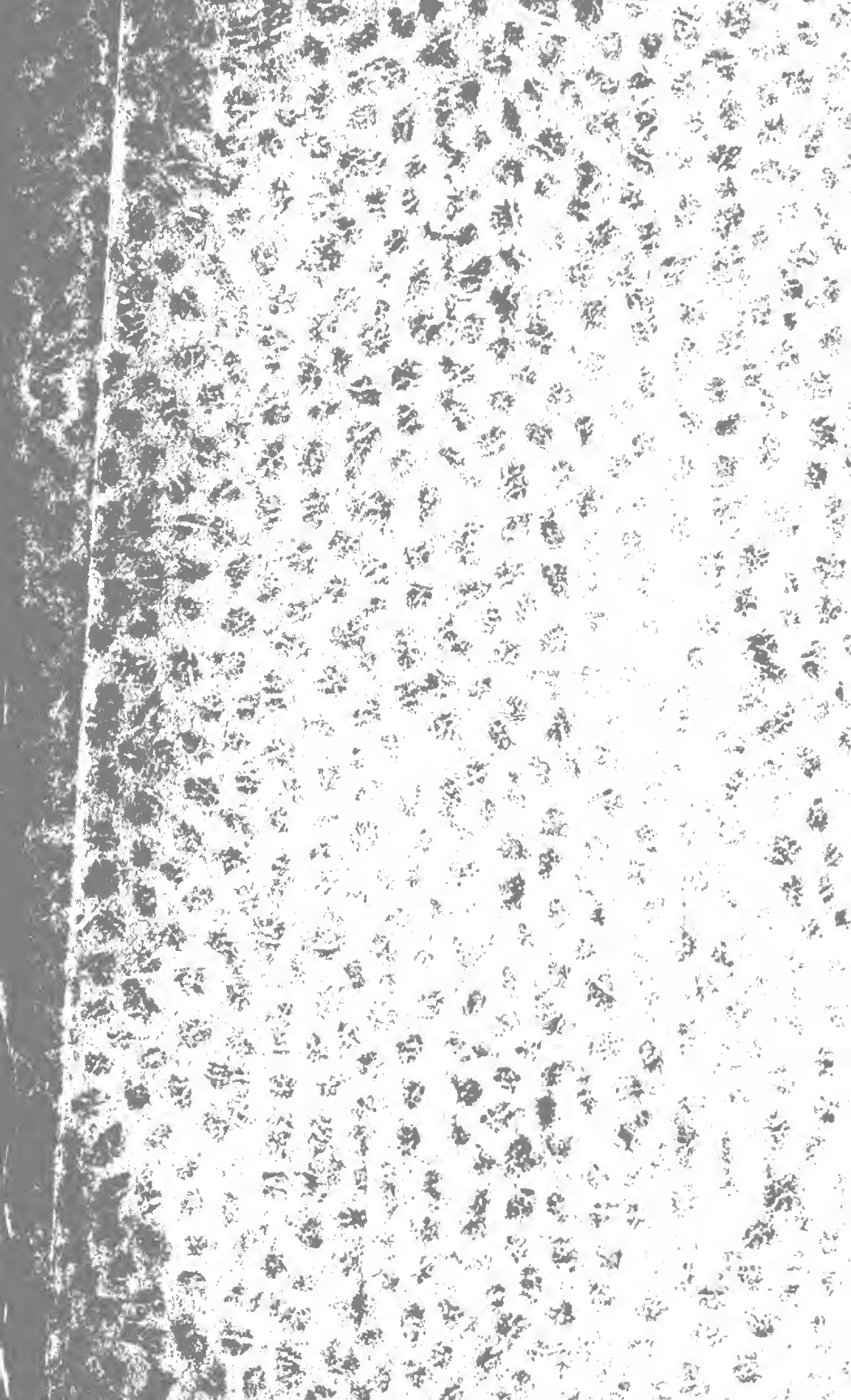
P

9261

C3P8

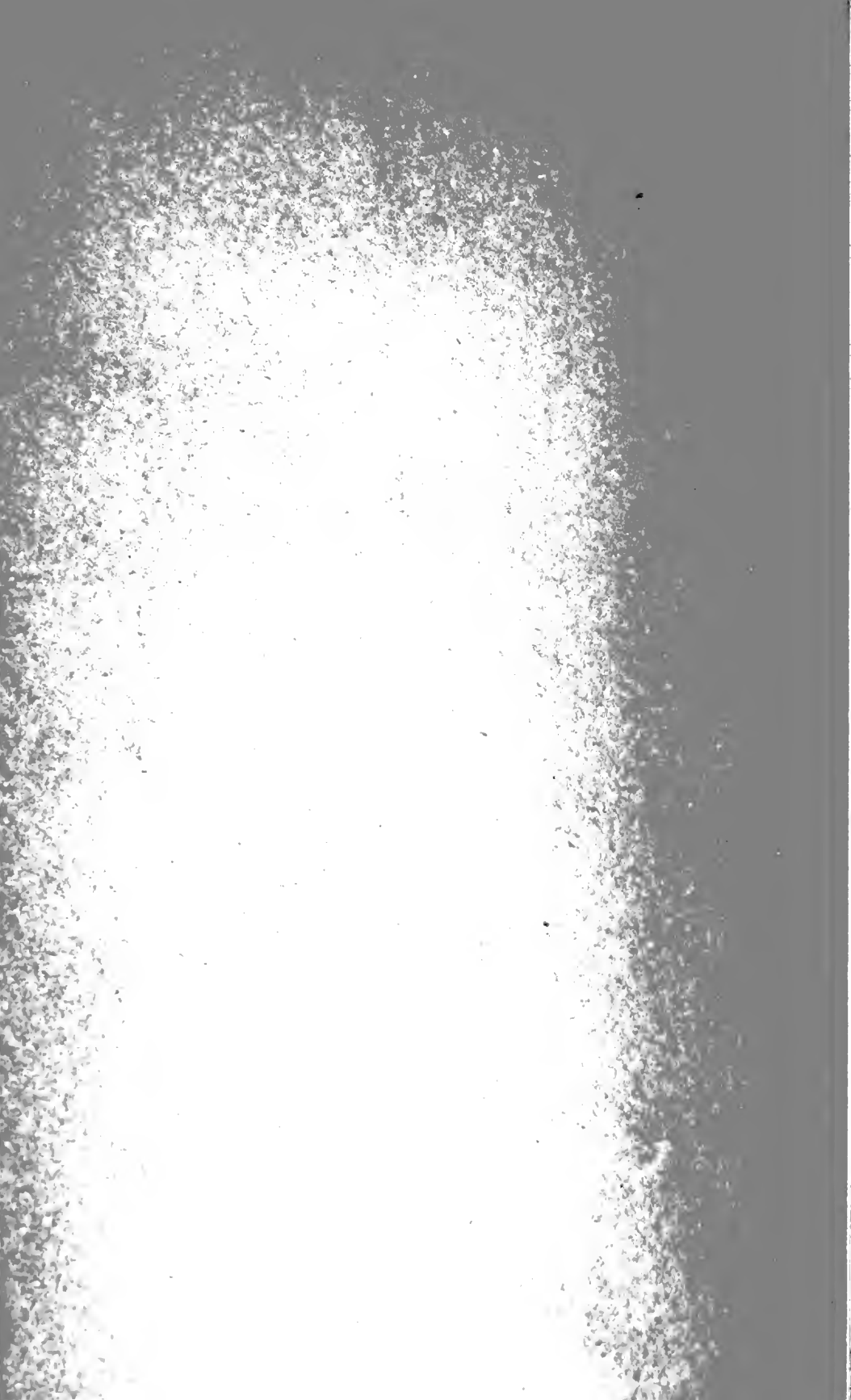
1871











PURGATORIO E PARAIZO

PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

PURGATORIO

E

PARAIZO

DRAMA

EM TRES ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR

Rua dos Caldeiros, 18 e 20

1871

TIPOGRAFIA DO JORNAL DO PORTO

PARA

PQ
9261
C3P8
1871



TIPOGRAFIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges, 31

AO MEU AMIGO

ANTONIO FERREIRA GIRÃO

OFFEREÇO

ESTE ENSAIO DRAMATICO

TO THE PUBLIC

OF THE

LIBRARY

OF THE

PESSOAS

D. EMILIA DE SÁ.....	38	anos.
LUIZA AMELIA	19	»
ALFREDO DE TOVAR	19	»
BERNARDO DE MASCARENHAS.....	40	»
JORGE DE SÁ.....	de 20 a 25	»
CONSELHEIRO NOBREGA.....	}	meia idade.
BARÃO DE VILLA-MARIM		
FRANCISCO DE SÁ.....		
O PRIOR DE BEMFICA		
MEDICO		
ALFAIATE.		
BOLEEIRO.		
DOIS CRIADOS.		

São scenas da actualidade, passadas em Lisboa e Bemfica.

PESSOAS

D. EMILIA DE SA.....
 ELISA AMELIA.....
 ARRIBADO DO TOVAR.....
 BERNARDO DE MASCARENHAS.....
 JORGE DE SA.....
 GOZMACHEIRO ZORRAGA.....
 BRAYO DE ALVA-MARIA.....
 FRANCISCO DE SA.....
 O PRIOR DE BENEFA.....
 MEDICO.....
 ALFIAITE.....
 ROLEIRO.....
 DONS CHADOS

.....

ACTO PRIMEIRO

Casa não luxuosa; mas graciosamente ornada. — Portas ao fundo, e lados.

SCENA I

JORGE DE SÁ E DEPOIS UM CRIADO

JORGE

Hoje é um dos taes dias aziagos. Os meus credores combinam-se. Quando vem um, vem todos. Eu adoptei o systema de todo o caloteiro insigne e illustrado: recebo os credores com tanta delicadeza, e despeço-os com educação tão fina, que todos se retiram, como de todos os bailes... penhorados das attentões do dono da casa, que muitas vezes não é dono de casa nenhuma, como eu. Abra-se a sessão. Ó Braz!

CRIADO

Meu senhor.

JORGE

Que importunos são esses que me querem fallar?

CRIADO

V. s.^a bem sabe... Acho que são... aquelles homens de Lisboa...

JORGE

Conheces quem são?

CRIADO

Ora, se conheço! Ha seis mezes a vêl-os todas as semanas duas vezes...

JORGE

Minha tia já sahiu do quarto?

CRIADO

Não, meu senhor.

JORGE

E Luiza?

CRIADO

A menina anda a passear na quinta desde o nascer do sol.

JORGE

Esses homens que entrem. Quantos são?

CRIADO

Por ora são só quatro; os outros costumam vir depois de jantar.

JORGE

Que entre cada um por sua vez sem distincção de sexo nem idade. (*O criado sahe*).

SCENA II

JORGE (*só*).

O credor é o verdugo do homem de bem; é a espada de Damocles; é o terror da juventude esperancosa; é o espectro do rei da Escossia; é a sombra de Nino; é o Lucifer despenhado no inferno... dos devedores insolúveis; é, finalmente, um homem contra o qual se pôde recitar um comprido monologo sem enfastiar a plateia, porque não ha plateia em que o credor não esteja em deplorável minoria. Eu estudo — sem ser subsidiado pelo governo — o modo de arrancar do seio social este cancro, chamado o credor; porque o credor é um vampiro, é um animal mestiço, filho de rapoza e mocho; velhaco como a mãe, e esperto de olho como o pae, que até de noite vê. O credor, enfim, é... (*vendo o alfaiate á porta do fundo*) é o alfaiate!

SCENA III

JORGE E O ALFAIATE

ALFAIATE

Dá licença, senhor Jorge de Sá?

JORGE

Ó meu caro senhor! Sem a menor cerimonia... (*trazendo-o pelo braço e indigitando-lhe o canapé*) Ali... o seu chapéo... tem a bondade de sentar-se, faz favor? Por quem é, senhor Trancoso... então?...

ALFAIATE

São só duas palavras...

JORGE

Queira sentar-se... O meu amigo, sempre indulgente com as minhas faltas, não se cansa de fazer justiça á causa involuntaria que o traz ainda no desembolso de...

ALFAIATE

Reis, 120\$000... (*querendo ler as parcelas*).

JORGE

Tem a bondade de não ler? Eu não duvido da sua rectidão no valor d'um ceutil... Pois, meu prezadissimo amigo, tem-se dado algumas contrariedades monetarias na minha vida. Brevemente, porém, estarei de posse d'uma fortuna, da qual o senhor Trancoso pôde dispôr como sua.

ALFAIATE

Muito obrigado... Eu não quero senão os meus cento e vinte mil reis, sendo possível hoje, porque...

JORGE

Essa quantia, meu amavel cavalheiro, é um grão de areia no meu oceano de catedral.

ALFAIATE

Pois o senhor Jorge negocia agora em catedral?!

JORGE

Não me entendeu, senhor Trancoso. Queria dizer-lhe que estou em vespéras de fazer um casamento vantajossissimo com a filha do barão de Villa-Marim, e prepa-

rava-me para ir consultar o meu amigo sobre o melhor emprego que eu podia dar aos meus capitaes, aventurando-os em empresas industriosas, de boa harmonia com as modernas ideias de economia social. O meu amigo poderá dizer-me...

ALFAIATE

Nada... não posso dizer nada, porque, a fallar a verdade, não o entendi bem... Parece-me que v. s.^a disse que queria fazer economias, e eu acho isso muito acertado, depois que se paga a quem se deve.

JORGE

É esse o meu pensamento dominante, senhor Trancoso; e, entre os meus insignificantes debitos, será o seu o primeiro. Entretanto, espero continuar a merecer a sua confiança, mandando-me preparar uma casaca azul com botões amarellos, outra verde com botões brancos, um pio-nono amellado com alamares côr de limão, e um fato campestre d'uma meia cachemira côr de azeitona de Sevilha, adicionando a nova verba á conta velha, que lhe será mui lucrativamente paga. É servido de *lanchar* comigo? Quer dar-me o prazer de respirar o ar puro e balsamico do meu jardim? Quer vêr as prodigiosas melancias que eu tenho? Eu chamo o escudeiro...

ALFAIATE

Não, senhor, eu tenho que fazer... será n'outra occasião. Então diz-me v. s.^a...

JORGE

Que no prazo improrogavel d'um mez está o mestre Trancoso embolsado de... 240\$000 reis...

ALFAIATE

Cento e vinte mil reis...

JORGE

Bagatela a differença... e amanhã irei provar as commendas que fiz.

ALFAIATE

Passe v. s.^a muito bem até amanhã.

JORGE (*com enthusiasmo, abraçando-o*)

Meu nobre amigo! os devedores honram-se quando

os seus credores são assim illustrados e benevolos. (*Acompanha-o á porta, trejeitando cortezias*) Braz, acompanha este senhor!

SCENA IV

JORGE E DEPOIS O BOLEEIRO

JORGE

A delicadeza inventou-se para humanisar estes bichos. O devedor delicado e de fino trato tem sempre á sua disposição uma moeda, que, se não amortisa a divida, convida sempre os credores a uma suave moratoria. O dinheiro inventou-se para contrabalançar a grosseria do homem estúpido. O homem delicado é como os meninos de Sparta: vivem á custa do Estado.

BOLEEIRO

Ora viva, patrão.

JORGE

Ólá, José Russo, como vaes tu? A parelha baia inda se leva á maravilha?

BOLEEIRO

Estamos todos bons, patrão, louvado Deus, para o servir; mas de chelpa vamos mal. Faz favor de acabar com isto (*tirando a conta*) Trinta e dois alugueis de Bemfica a Carnaxide, a Cintra, e a Lisboa, ida e vinda, somma... somma...

JORGE

Senta-te, rapaz.

BOLEEIRO

Estou bem, meu amo, quero crescer; farto de estar sentado á espera, desde as seis horas, estou eu... Somma 51\$400 reis. Palavra que não vou d'aqui sem o meu dinheiro. Isto já passa de caçoada. Hoje, ou v. s.^a me paga, ou eu vou pedir a sua mãe, ou tia, ou que diabo é, que me pague, senão mando-lhe a casa o meirinho.

JORGE

Falla baixo.

BOLEEIRO

Contos não enchem, meu amiguinho. Se quer que eu me vá embora, pague-me; meu amo põe-me hoje na rua, se lhe não levar o dinheiro, e não me dá as soldadas.

JORGE

Pois vae-te embora, que eu lá levo de tarde o teu dinheiro.

BOLEEIRO

Não ando, o senhor diz-me sempre isso. Isto já cheira a calote!

JORGE

Es um vil canalha! Sahe já d'aqui, senão mando-te dar reboque com uma tranca.

BOLEEIRO

Ó patrão! Venha de lá essa tranca: quero vêr como se paga com uma tranca a quem pede o seu dinheiro. Ande lá, meu amo, pegue lá na tranca!...

SCENA V

OS MESMOS E ALFREDO DE TOVAR

ALFREDO DE TOVAR

Que bulha é esta?!

JORGE

Ó Alfredo, como estás? não é nada... *(para o Boleeiro)* Vae-te embora.

BOLEEIRO

Já disse: pague-me, se quer que eu vá.

ALFREDO *(ao Boleeiro)*

Dá cá essa conta *(vê, e está tirando do porte-monnaie dinheiro)*.

SCENA VI

D. EMILIA DE SÁ E OS MESMOS

D. EMILIA *(obstando a que Alfredo pague)*

Senhor Tovar, tenha a bondade de retirar o seu serviço a meu sobrinho; mas a delicadeza sou eu que

lh'a agradeço. (*Ao Boleeiro*) Homem, espere no páteo... lá se manda pagar a sua conta; e diga a esses homens que lá estão, que esperem. (*O Boleeiro sahe*). Jorge, tu envergonhas-me; Já não sei como hei de mostrar-te o desgosto que me faz a tua companhia. Estas quantias, que pago, já as não dou para salvar a tua honra; é para salvar a minha. Desculpe-me, senhor Alfredo. A sua familiaridade n'esta casa consente-me este desafogo; e a nobreza com que quiz poupar o seu amigo á ultima vergonha de espancar um credor, faz-me cada vez mais prezadas as suas excellentes qualidades. Dê-me licença. (*Sahe*).

SCENA VII

ALFREDO E JORGE

ALFREDO

Tua tia tem razão, Jorge.

JORGE

Nos elogios que te fez? Que modestia!

ALFREDO

Não: na reprehensão que deu ás tuas dissipações. Não gastes tanto, meu amigo. Despende o que tiveres. Podes estar sempre no agrado d'esta excellente senhora, e viver com as regalias que poucos rapazes teem.

JORGE

Pois não! optimas regalias!... Tenho para ali um *gig* velho e um cavallo espravonado, com meia duzia de moedas mensaes para extraordinarios... É realmente de appetite esta fortuna!

ALFREDO

E eu que sou filho d'um millionario não tenho cavallo nem carro. Qual das nossas posições é a mais brilhante?

JORGE

Eu sei cá! Tu tens um futuro, e eu já perdi as esperanças de ser herdeiro de minha tia.

ALFREDO

Procede com mais fino, e serás herdeiro de tua tia.

JORGE

Qual herdeiro! Os bens d'ella quem os herda é Luiza.

ALFREDO

Não creio... Luiza é uma simples afilhada de tua tia..

JORGE

Deixa ser; mas tem sabido insinuar-se na sua estima com tal hypocrisia...

ALFREDO

Hypocrisia, não, Jorge! Isso é injuriar a sinceridade de Luiza. Não sejas injusto com a tua amiga..

JORGE (*rindo*)

Minha amiga! Porque não dizes antes: « não sejas injusto com a minha amante? »

ALFREDO

Eu não me offendo, glorio-me até com essa correcção ironica... Oxalá que não te enganes, e que o titulo, com que me lisongeias, ella m'o dê tambem. Sabes de mais o que eu sei de mim, e não quero, nem posso negar-te que amo Luiza como se ama uma irmã muito querida... Não somos rivaes, não, Jorge?

JORGE

Ora essa!...

ALFREDO

Quando me apresentaste á senhora D. Emilia, perguntei-te se Luiza te era indifferente... Parecia-me impossivel que o fosse... Respondeste-me que era.

JORGE

E é, e será... eu não desço tanto...

ALFREDO (*sorrindo*)

Não descas tanto?!... É muito orgulho, meu amigo... penso eu... Depois de algumas visitas, em que passei da cerimonia á familiaridade, disse-te que amava Luiza, e me dava por bem pago do meu amor.

JORGE

E d'ahi?

ALFREDO

D'ahi... seria hoje um capricho louco desdizer-me, e é da tua parte pouca delicadeza calumniar a pobre menina que nos estima a ambos.

JORGE (*com seriedade comica*)

Tu pareces um provinciano! Que ares de amante idiota! Luiza, pelo que vejo, é impecavel!... Sabes tu o que me pareces?... Aquelle *Molière* sempre era um grande pintor!...

ALFREDO

Molière pintou Sganarello, Scapin, Orgon, Jorge Dandin, Pourceaugnac, e...

JORGE

Et de cætera.

ALFREDO (*sorrindo*)

E *Tartufo*... que sou eu, não é assim, meu caro Jorge?

JORGE

Vamos lá, vamos lá... todos temos um bocado da tal honrada personagem!

ALFREDO

Agradeço-te o meu quinhão, amigo; mas... hypocrita e lorpá provinciano, ao mesmo tempo, é de mais: não posso pagar os direitos de ambas as mercês...

JORGE

Esse ar de chufa requentada parece-me assim de homem que (*faz menção de farejar*) cheira a dinheiro! Os teus futuros quatrocentos contos tem uma acção retroactiva... Falta-te um abdomen proeminente para te ir ao pintar a gravidade pedantesca...

ALFREDO (*sorrindo*)

Aqui estou eu debaixo do teu *ridiculo*! Desafoga, meu amigo, deixa expandir-se livremente o genio da *satyra* que te ha dado mais victimas do que amigos... Não me poupes...

JORGE

Isto é graça!... (*abraça-o*) sempre amigos! Sabes que mais? vou matar codornizes no restolho. Tu cá tens quem te entretenha... Ah! vem Luizinha!

SCENA VIII

LUIZA E OS MESMOS

LUIZA *(a Alfredo)*

Estava aqui, e eu só o soube agora! Passou bem? *(A Jorge)* E o meu amiguinho como está? Ainda hoje não fallamos...

JORGE

A menina tem andado no bosque a conversar com os rouxinoes, e eu tenho cá estado em casa a conversar com uns melros de bico revoltos...

LUIZA

Com uns...? *(A Alfredo)* Elle que disse?

JORGE

Pois a Luizinha não ouviu a algazarra?

LUIZA

Não, eu não ouvi algazarra nenhuma. Que foi?

ALFREDO

Nada, minha senhora. Jorge está de bello humor!...

JORGE

Até logo. Vou á caça.

LUIZA

Venha cá: deixe-se estar... O seu amigo não vae?

JORGE

O meu amigo não gosta de caçar codornizes... O seu genero de altenaria é outro... Até logo. *(Sahe)*.

SCENA IX

LUIZA E ALFREDO

LUIZA

Que diz elle?!

ALFREDO

Nada que mereça explicação.

LUIZA

Eu entendi-o.

ALFREDO

Peor, minha querida Luiza. Eu quizera antes que certas expressões, ou a intenção d'ellas, te achassem sempre ignorante.

LUIZA

Sabes que eu estou soffrendo muito, meu amigo...?

ALFREDO

Que é? não te consinto um segredo.

LUIZA

Este homem faz-me um grande mal.

ALFREDO

Jorge?... De que maneira?

LUIZA

Eu não lh'o mereço. Estou sempre pedindo a madrinha que lhe dê dinheiro, que o não reprehenda, que o não expulse de casa; e elle, depois de me ter intrigado, perdoando-lhe eu sempre... e sabendo que eu te quero tanto...

ALFREDO

Diz... a tua suspensão afflige-me.

LUIZA

Teve a indiscrição, ou talvez ruindade de dizer que me amava, desde que me viu, e tinha direitos ao meu amor...

ALFREDO

Elle!... Jorge!... É pois certo que não tem uma qualidade boa!...

LUIZA

Não lhe digas nada, não?

ALFREDO

Não m'o recommendes... E depois ha mais algum motivo de soffrimento?

LUIZA

Lança-me em rosto a minha hypocrisia. Diz que sou uma astuciosa, que estou vendendo a minha madrinha os afagos que dissimulo... Isto chega ao coração, Alfredo... Deus sabe que lhe tenho pedido a morte antes que minha madrinha me falte...

ALFREDO

Não peças, filha, que me tens a mim no mundo.

LUIZA

Tenho, e é uma consolação saber que soffres comigo; porém... Não vá vir a madrinha (*escuta á porta lateral*)... que te disse eu, Alfredo?

ALFREDO

Disseste que me tinhas como irmão no soffrimento...

LUIZA

E a realização do nosso querido futuro?... Essa... não a espero...

ALFREDO

Porque?!

LUIZA

Teu pae é um homem muito nobre, e muito rico, e eu sou uma orphã, sou pobre, nem ao menos sei o nome de meus paes...

ALFREDO

Criança! que tem a riqueza e fidalguia de meu pae com o meu coração? Não te tenho eu ditô que a minha felicidade não m'a dará o dinheiro? Não me tens visto invejar a sorte dos operarios n'esta quinta? Não vês que estou tão afastado d'essa roda onde o dinheiro é recommendação? Homem, que assim pensa, será capaz de sacrificar-se moralmente a ambições d'um pae por mais respeitavel que a sua vontade seja? Eu queria desenganar-te, Luiza, e... hei de desenganar-te...

LUIZA

Como, Alfredo?! eu não temo enganos teus...

ALFREDO

Hei de obrigar-te suavemente a fazer justiça inteira á independencia d'algumas almas...

SCENA X

OS MESMOS E O CRIADO

CRIADO

Está na sala de espera um senhor que pretende fallar á senhora D. Emilia.

LUIZA

Dê-lhe parte. (*O criado sahe*) Vamos á quinta, Alfredo. Deixemos esta sala á minha madrinha.

CRIADO (*fóra*)

Faz favor de entrar, que a senhora vem já.

SCENA XI

BARÃO DE VILLA-MARIM E DEPOIS D. EMILIA

BARÃO (*examinando*)

O apparato não me cheira á tal fortuna... Veremos o que d'aqui sabe... isto é uma casa de quinta... emfim... póde ser. (*Para D. Emilia, que vem entrando*) Minha senhora, passasse muito bem... Eu tomei a liberdade de procurar a v. exc.^a

D. EMILIA

Não sei a quem tenho a honra de fallar.

BARÃO

Eu sou o Barão de Villa-Marim, criado de v. ex.^a para a servir. (*Ligeiro cumprimento de D. Emilia*) Creio que não me conhece.

D. EMILIA (*indicando-lhe o canapé*)

Não tenho o gosto.

BARÃO (*sentando-se*)

Pois, minha senhora, eu sou o Barão de Villa-Marim, e tenho uma soffrivel fortuna arranjada por meios licitos, graças á Deus, e não como a de alguns meus collegas, que a arranjam Deus sabe como, e eu tambem sei alguma coisa... Pois, emfim, minha senhora, eu tenho quatro filhas, e dois rapazes. As raparigas estão casadoiras, e eu, a fallar a verdade, não sei guardar as mulheres, porque diz lá o dictado, que nem o diabo as guarda. Pois, minha senhora, um d'estes dias, appareceu em minha casa um rapazote de *cabriolet*, bem arranjado, pedindo-me minha filha segunda, que é a Joanninha, que já fez os seus dezoito. Eu disse ao tal noivo que queria saber quem era, e a fortuna que tinha, porque isto, bem sabe a senhora, que... está visto... a pe-

quena tem trinta contos já, e o que casar com ella, se não tiver mais, arranje-se lá como puder, mas ha de ter outro tanto; sim, isto é claro, pois não acha?

D. EMILIA

Sim, senhor.

BARÃO

Pois é verdade. O tal moço, como eu lhe vinha contando, disse-me que era natural d'Evora-Cidade, onde tinha uma boa casa, e estava vivendo em Bemfica na companhia de uma tia muito rica, que pelos modos é y. exc.^a, de quem é herdeiro elle. Disse chamar-se Jorge de Sá Pignatelli Lencastre... e não sei que mais. Pois, minha senhora, é ao que eu vinha...

D. EMILIA

Ainda não sei ao que o senhor vem.

BARÃO

Venho saber se isto é verdade, com quanto dota v. exc.^a o seu sobrinho, e quanto valerá esse morgadio que elle tem em Evora-Cidade.

D. EMILIA

Responderêi: meu sobrinho não é morgado, é filho segundo d'uma casa arruinada. Não o dotô em vida, nem tenciono instituil-o meu herdeiro. Creio que respondi.

BARÃO

Tambem me parece que sim... É o que eu queria saber... Então seu sobrinho é um troca-tintas...?

D. EMILIA

Pelo simples facto de ser meu sobrinho, lembro ao senhor bairão de... de...

BARÃO

Barão de Villa-Marim.

D. EMILIA

Lembro ao senhor bairão de Villa-Marim que é pouco cortez o nome que lhe dá. Preciso tratar do governo de minha casa; e enfão... (*ergue-se*).

BARÃO (*erguendo-se*)

Em todo o caso fará favor de lhe dizer que me não ande lá pela rua a fazer douda a cabeça da rapariga.

D. EMILIA

Se a cabeça de sua filha tiver o necessario juizo, não corre o risco da loucura; e eu creio que as filhas de v. exc.^a hão de ser educadas com estremo melindre... senhor barão.

BARÃO (*sahindo*)

Às suas ordens, minha senhora.

SCENA XII

D. EMILIA E DEPOIS O CRIADO

D. EMILIA (*tocando a campainha*)

Como hei de eu vêr-me livre d'este vexame continuado em que me tem este homem!... (*Ao criado que entra*) O senhor Jorge está em casa?

CRIADO

Sahiu com a espingarda e com os caens, senhora.

D. EMILIA

E o senhor Alfredo Tovar onde está?

CRIADO

Andava agora com a menina no jardim. (*Reparando*) Elle aqui vem.

D. EMILIA

Retira-te, e não entre aqui alguém sem minha ordem.

SCENA XIII

D. EMILIA, E ALFREDO TOVAR

D. EMILIA

Mandava-o agora chamar, senhor Alfredo, para uma... para uma impertinencia.

ALFREDO

Que poderá v. exc.^a querer-me que me não seja muito agradavel!

D. EMILIA

Começarei por fazer o elogio da minha afillhada. Não ha coração mais bom, nem mais sincero. Tem a inno-

cencia que protege a fraqueza. Se ha peccado no coração de Luiza, as acções puras de todos os dias estão-a sempre absolvendo. Não conhece ainda bem minha afilhada, senhor Tovar, para não achar suspeito este elogio.

ALFREDO

Eu conheço aquelle anjo...

D. EMILIA

Se a conhece, ha de amal-a muito.

ALFREDO

Senhora D. Emilia, porque me não diz que sabe que eu a amo muito?

D. EMILIA

Ainda não disse tudo do elogio. Minha afilhada só tem para mim um segredo, mas, coitadinha, sabe tão pouco simular, que esse mesmo lhe adivinhei. Pensa que é o do seu amor? não é, senhor Tovar; esse contou-m'o ella... a chorar, como quem chora uma esperança morta.

ALFREDO

Uma esperança morta! que diz v. exc.^a?! Eu inspiro desconfiança a. alguem?!

D. EMILIA

Não antecipemos o fim d'esta nossa entrevista. Em louvor de minha afilhada, quero confiar-lhe o segredo que ella me esconde: é a dôr de não ter appellido de pae ou mãe: julga-se uma engeitada que a piedade perfilhou. Tem no fundo do coração a mágoa de não herdar de sua mãe ao menos a virtude, e de seu pae a honra. Ella já lhe fallou n'isto?

ALFREDO

Ligeiramente.

D. EMILIA

E Jorge?

ALFREDO

Esse...

D. EMILIA

Esse disse-lhe alguma invenção torpe...

ALFREDO (*vacillante*)

Não, minha senhora...

D. EMILIA

Disse-lhe que Luiza era uma exposta que eu levantei das lages da rua.

ALFREDO

Se o dissesse, eu pedir-lhe-ia que cobrisse com a bandeira da misericórdia a deshonra dos paes de Luiza, por amor de Deus e d'ella.

D. EMILIA (*perturbada*)

O senhor tem um nobre coração... Vou-lhe dizer o nascimento d'esta menina. Eu tive uma amiga que Deus me emprestou por poucos annos. Amou até á cegueira. Galardoou com corpo e alma a deshonra d'um perfido. Foi abandonada, quando o abandono exercuciava duas victimas ao mesmo tempo. Esse homem casou com outra. A minha amiga sobreviveu algumas horas ao deixar uma herdeira das suas lagrimas na terra. Jurei-lhe protecção á criancinha; fil-a minha; dei-lhe o coração que dera a sua mãe, e mandava-lhe todos os dias o meu coração ao céu para que a mãe a visse. Esta é a historia de Luiza, senhor Tovar. Eu não vesti o meu conto com palavras tocantes. Quiz reduzi-l-o a poucas, para chegar depressa onde a impaciencia de nós ambos nos chama. Luiza ama-o muito. Eu, sua segunda mãe, consultando a primeira, se o coração me falla por ella, não reprovo semelhante amor. Quaes intenções são as suas? Desculpe-me a grósseria da pergunta; mas eu fallo com um mancebo que mereceu o amor da minha Luiza. Quero, n'este instante, pertencer a uma sociedade, onde as palavras não servem para desfigurar os pensamentos... Para que ama Luiza?

ALFREDO

Não lh'o disse ella, minha senhora?

D. EMILIA

Ha coisas que o pudor não diz. A minha afilhada ainda não proferiu uma palavra que anda na bôca de todas as meninas da sociedade escolhida. Esta palavra «casar» tem um som que fere o coração innocente e afeia os labios virgens que a pronunciam. Não me cha-

me visionaria... O senhor Tovar quer fazer sua esposa minha afilhada?

ALFREDO

Se houvesse de responder negativamente, creio que não estaria a esta hora na presença de v. exc.^a

D. EMILIA

Que impede a prompta realização d'essa vontade?

ALFREDO

Até hontem a vontade de meu pae, hoje a de v. exc.^a Quando me encaminhava para esta sala, vinha pedir o seu consentimento.

D. EMILIA (*erguendo-se e estendendo-lhe a mão*)

Tem-o. (*Vae á porta, chamando*) Braz... (*ao criado*) chama aqui a senhora D. Luiza. (*O criado sahe*). Eu hei de ir d'aqui agradecer ao Senhor o primeiro momento de felicidade que me está dando em minha vida.

ALFREDO

E eu pedir-lhe-hei que me dê a felicidade de reproduzir esses momentos com quanto amor e respeito se póde ter a uma segunda mãe.

SCENA XIV

OS MESMOS E LUIZA

D. EMILIA (*tomando-lhe a mão*)

Apresento-te teu esposo, Luiza. (*Luiza baixa os olhos*) O coração não te manda agradecer, filha? (*Luiza abraça a madrinha escondendo-lhe a face no seio. Tovar curvando um joelho, beija a mão de D. Emilia, que o ergue*). A gente nas grandes amarguras tem a expressão do gemido; para as grandes alegrias não ha nenhuma! Luiza, reparte do teu coração uma migalha d'esse prazer, que tão poucas mulheres sentem puro de temores e de remorsos. Eu não o experimentei, e tinha uma alma tão digna de o sentir... (*chora*).

ALFREDO

Minha boa amiga...

LUIZA

Porque chora, minha madrinha? Eu não a deixo...

D. EMILIA (*concentrada*)

Entre a saudade e o remorso ha uma paixão que rasga... Ora aqui está o que é a felicidade n'esta vida... mistura de risos e prantôs. A tua... não é assim, Luiza. Dou-te a um anjo, a um homem, que não entendeu o mundo, e fugiu para nós que tambem o não entendiamos... Pareces-me opprimida, filha! Queres-te sósinha agora? Isso é tão natural... Vae colher dois ramilhetes de flôres, e d'esta vez não tragas cypreste no meu, não?... (*Luiza, envergonhada, sorri, e sahe*).

SCENA XV

D. EMILIA E ALFREDO

D. EMILIA

Não o deixo ir com ella, porque vão dizer puerilidades... (*Sorrindo*) Sente-se ao pé de mim: vamos conversar. Fallemos da sua familia. Seu pae já Jorge me disse que era o senhor Bernardo Tovar.

ALFREDO

Não, minha senhora. *Tovar*, é appellido de minha mãe; adoptei-o, porque me era tão cara a sancta senhora, que, desde criança, me assignei com o appellido d'ella.

D. EMILIA

Já me disse que morrerá ha pouco tempo...

ALFREDO

Ha quinze mezes.

D. EMILIA

Foi muito querida de seu pae?

ALFREDO

Penso que não, minha senhora... Soffreu muito. Os annos de casada foram tormentosos. Disse-me, uma vez, que estava no mundo, expiando um tremendo crime. Não ousei devassar o sanctuario d'esse terrivel segredo; mas meu pae sabia-o.

D. EMILIA

Pobre senhora! talvez morresse immaculada para entrar no céu...

ALFREDO

Se este mundo é purgatorio...

D. EMILIA

E seu pae não minorava o supplicio d'essa expiação?

ALFREDO

Meu pae era talvez... o seu verdugo. Ha pouco tempo que uma velha criada me disse, que meu pae fora obrigado a casar com minha mãe.

D. EMILIA

Casamentos forçados é sanctificar com um sacramento a lucta de victima e algoz. Antes a morte no desamparo, que o martyrio a portas fechadas. E como se chama seu pae?

ALFREDO

Bernardo de Mascarenhas.

D. EMILIA (*erguendo-se impetuosamente*)

Como?!

ALFREDO (*o mesmo*)

Que é, minha senhora?! (*D. Emilia, silenciosa, fixa-o penetrantemente*) V. exc.^a não me diz que impressão foi essa?

D. EMILIA (*sentando-se*)

Pelo amor de Deus, silencio, senhor! Eu sinto uma agonia que me não deixa sair d'aqui!

ALFREDO

Que tem v. exc.^a?! Por quem é, senhora D. Emilia, diga-me se eu sou causa d'essa commoção! (*D. Emilia acena negativamente*).

SCENA XVI

OS MESMOS E LUIZA

LUIZA (*com os ramilhetes*)

Aqui estão, madrinha! (*Surprendida*) Jesus! ella que tem?

ALFREDO

Um ataque repentino.

LUIZA

Virgem Sanctissima, valei-me! Minha madrinha, falle-me, por piedade!

D. EMILIA (*beijando-a*)

Sahe d'esta sala, minha filha. Espera-me no teu quarto. (*Luiza não vae*) Não me desobedeças... vae... (*Luiza sahe*).

SCENA XVII

D. EMILIA E ALFREDO

D. EMILIA (*erguendo-se*)

Senhor Tovar!... acabou tudo entre nós.

ALFREDO

Que diz, minha senhora?!

D. EMILIA (*com resolução*)

Não lhe dou minha afilhada.

ALFREDO

Isso é impossivel! Que mal lhe fiz eu? A historia de meu pae é causa para tamanho desprezo?! Hei de eu ser um marido como elle foi?!

D. EMILIA

Senhor Tovar, seja honrado como tem sido... Esqueça minha afilhada... Diga o adeus ultimo a esta casa.

ALFREDO

Por piedade, senhora, que me mata!

D. EMILIA

Morreremos todos, senhor Tovar, e eu serei a primeira.

(*Ouve-se um grito de Luiza*)

A desgraçada ouviu tudo! (*Vae soccorrêl-a. Luiza entra espavorida, e corre a Alfredo, que se dirige a ella. D. Emilia colloca-se entre ambos, afastando-os*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ALPHABET

Ein alphabetisches Verzeichnis

INDEX

Verzeichnis der in dem Werke enthaltenen Stellen

Die in dem Werke enthaltenen Stellen sind alphabetisch geordnet und nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes geordnet.

REKONSTRUKTION

ALPHABETISCHES VERZEICHNIS

Das alphabetische Verzeichnis enthält die in dem Werke enthaltenen Stellen, geordnet nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes.

INDEX

Verzeichnis der in dem Werke enthaltenen Stellen

Das Verzeichnis enthält die in dem Werke enthaltenen Stellen, geordnet nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes.

Die in dem Verzeichnis enthaltenen Stellen sind alphabetisch geordnet und nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes geordnet.

Das Verzeichnis enthält die in dem Werke enthaltenen Stellen, geordnet nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes.

INDEX

Das Verzeichnis enthält die in dem Werke enthaltenen Stellen, geordnet nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes.

Das Verzeichnis enthält die in dem Werke enthaltenen Stellen, geordnet nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes.

Das Verzeichnis enthält die in dem Werke enthaltenen Stellen, geordnet nach dem Buchstaben der ersten Buchstaben des Wortes.

ACTO SEGUNDO

Sala mobilada com magnificencia.

SCENA I

BERNARDO DE MASCARENHAS PASSEANDO COM SIGNAES D'AFFLIÇÃO;
MEDICO, SAHINDO D'UMA PORTA LATERAL

MASCARENHAS

Como está meu filho, doutor? Esperava-o para lh'o perguntar.

MEDICO

Está a dormir, e bom será que se prolongue este somno restaurador. Eu volto logo, senhor Mascarenhas.

MASCARENHAS

Receia, doutor?

MEDICO

Eu receio sempre; e, quando a enfermidade está no espirito, receio mais da impotencia da medicina.

MASCARENHAS

Não duvida que elle soffre por uma causa moral?

MEDICO

Não posso achar outro diagnosticó.

MASCARENHAS

Vou sondar meu filho.

MEDICO

Devêl-o-ia ter feito, senhor Mascarenhas. Eu tentei-o já, e elle atalhou-me, logo no comêço, definindo a sua morte como balsamó unico d'uma chaga incuravel. Ins-

tei delicadamente por explicações: não me respondeu. V. exc.^a conseguirá o que eu não consegui. Faça-o como pae, e eu auxiliá-lo-hei como amigo: como Medico receio não tirar proveito. Até logo. Eu demoro-me pouco. (*Sahe*).

MASCARENHAS

O menos tempo que possa, doutor.

SCENA II

BERNARDO DE MASCARENHAS E O CONSELHEIRO NOBREGA

MASCARENHAS

Eu não queria tanta pontualidade, meu caro conselheiro! A minha carta de certo alterou o teu velho costume de dormir até ao meio dia.

CONSELHEIRO

São quinze dias de dôr de cabeça, meu caro Mascarenhas; mas quem te deu o coração ha vinte annos, também te dá a cabeça agora, sendo necessario. Então que temos? A tua carta pareceu-me escripta com pressa e afflicção. Senta-te aqui (*no sofá*). É verdade, como vae teu filho?

MASCARENHAS

Mal, abatidissimo, e... desconfio... Morre, talvez... é o mais certo... Faltava-me este golpe...

CONSELHEIRO

Não morre, não. Alli anda amor dos dezanove annos. Tu, na idade d'elle, tiveste muitas d'aquellas crises. Não te lembras d'Evora-Cidade?

MASCARENHAS

Apontaste já o motivo por que te chamei. Recordate: era eu cadete, e amei aquella mulher...

CONSELHEIRO

Aquella! é preciso saber qual das tres: tu amavas, ao mesmo tempo, a flôr d'Evora, uma menina da familia dos Sãs. Amavas uma peregrina formosura de Beja, onde estiveste destacado. E amavas, em Lisboa, uma terceira com quem casaste.

MASCARENHAS

Trata-se da primeira. Sabes bem a historia de Amalia de Sá?

CONSELHEIRO

Soube até ao momento em que sahimos ambos de Evora: tu prêso para casares com a menina de Lisboa que seduziras; eu para Inglaterra emigrado, onde nunca tive novas tuas, nem d'ella. Em 1833 achei-te transfigurado. Ouvias com repugnancia as recordações da nossa mocidade, e nunca me fallaste de Amalia, nem me apresentaste a tua mulher. Respeitei o melindre da reserva, e nunca te fallei de amores.

MASCARENHAS

Não era reserva, meu amigo: era o tédio de mim proprio; era o receio de assanhar com recordações as viboras que trazia no coração. Sabes que fui violentado a casar-me. O pae d'essa mulher, que foi, ao mesmo tempo, meu algoz e minha victima, era um homem necessario ao governo. Apesar dos meus grandes haveres e protecções, se não caso com Henriqueta Tovar, era degredado ou talvez envenenado no Limoeiro. Eu disse sempre que Henriqueta seria desgraçada, mais desgraçada que eu. Sacrificaram-m'a, fizeram-na instrumento de vingança... e viveu dezoito annos de amarguras.

Passavam-se mezes que a não via; e, durante dezoito annos, não foi minha esposa, foi uma mulher aborrecida que vivia debaixo das mesmas telhas... Não me reprehendas em tua alma, porque o meu coração estava cheio do amor de Amalia. Noite e dia, diante de meus olhos, estava sempre o lugubre espectaculo d'uma mulher lacrimosa com uma criancinha ao seio. Eu desviava a attenção para o bulicio da vida e da riqueza, e via-a sempre, sempre aquella creatura tão sancta aos meus olhos, e tão infamada aos da sociedade.

Escrevi a um amigo, pedindo-lhe novas d'Amalia; respondeu-me que era publico em Evora o nosso amor; e que, depois da minha ausencia, Amalia se retirára para uma quinta com uma criada; e, depois do meu casamento, fôra para o Ultramar, chamada por um tio.

governador d'uma possessão. Ignorava-se felizmente que Amalia era mãe.

Dois annos depois, ha um magistrado de Loanda que me diz ter fallecido o tio d'Amalia, e ella, sua herdeira, voltára a Portugal. Fiz, com quanto melindre pude, novas indagações, que chegaram ao conhecimento de Amalia. Um dia recebo uma carta com estas palavras: « Esqueça-se de mim por piedade. As suas indagações são um novo ultraje. Infamou-me: não reviva a infamia, associando o meu nome ao seu. »

Isto foi um punhal que me abriu no coração a entrada para a consciencia dos meus deveres. Ha quinze annos que não proferi o nome de Amalia, pensando n'ella sempre. Achei-me em contacto com pessoas d'Evora, que podiam informar-me: nunca aventurei uma pergunta. Se ella vinha dos labios, forçava-a a retroceder ao coração como um trago de fel! Tem sido um supplicio atroz!

Estou viuvo ha quinze mezes. Deixei passar um anno para desafogar esta ancia. Quero saber onde está Amalia, quero pedir-lhe perdão, quero verter lagrimas sobre os seus cabellos brancos, ou sobre a sua sepultura...

Meu caro Nobrega, tu sabes tudo, podes tudo saber em poucos dias, procura-me Amalia como procurarias a felicidade do teu velho amigo: ajuda-me a desencravar este espinho de remorso.

CONSELHEIRO (*risonho*)

Ora digam lá, que um corpo de quarenta annos é o atáude de um coração morto!... Que brilho apaixonado ainda tem n'esses olhos! Ora vamos... mãos á obra! Peço oito dias de paciencia, e prometto, dia por dia, avisar-te dos pormenores d'esta syndicancia. Não perco um minuto (*erguendo-se*). Esperança, meu Mascarenhas! A Providencia ha de auxiliar as minhas pesquisas para que se dê um bom exemplo de moralidade. Adeus. (*Reparando em Jorge, que vem entrando*) Quem é este peralta?

MASCARENHAS

Deve ser relação de meu filho!

CONSELHEIRO

Adeus, Mascarenhas. Nada de prevenções fúnebres. O pequenô ha de melhorar. *(Sahe)*.

SCENA III

BERNARDO DE MASCARENHAS, E JÓRGE DE SÁ

MASCARENHAS

Naturalmente procura meu filho.

JÓRGE

Exactamente, e aproveito a occasião para cumprir-
mentar v. exc.^a, a quem felicito por ser o pae d'um moço
com tão excellentes qualidades.

MASCARENHAS

Muito grato, senhor... não tenho ainda o prazer...

JÓRGE

Jorge de Sá.

MASCARENHAS

Muita satisfação em conhecer o senhor Jorge de Sá.
Eu vou vêr se meu filho está acordado. *(Sahe)*.

SCENA IV

JÓRGE DE SÁ, E DEPOIS O MEDICO

JÓRGE

É um ricasso bem amavel este homem que se cha-
ma Bernardo! Estes capitalistas, que se chamam Ber-
nardos, dizem, mas não fazem « bernardices ». Este ho-
mem, se tivesse uma filha, era um ente adoravel! Me-
recia a pena fazer uma tentativa de prosperidade... *(Ao
medico, que entra)* Por aqui, amavel doutor?

MEDICO

Oh! que grande traquina! Veio hoje de Bemfica?

JÓRGE

N'este instante, meu caro Paracelso!

MEDICO

Como passou sua tia a noite?

JORGE

Creio que andou a pé, com um candieiro em punho á laia de fantasma. Ó doutor, minha tia será somnambula?!

CRIADO (*ao reposteiro*)

O senhor Alfredo está-se levantando, e pede o favor de o esperarem um instante. (*Sahe*).

JORGE

Que lhe parece, meu amigo, aquelle incommodo de minha tia é serio?

MEDICO

O senhor é que não parece serio na pergunta. Sua tia tem um aneurysma, aggravado por padecimentos moraes em que o senhor Jorge deve ter um grande quinhão de influencia.

JORGE

Ora essa!... Eu sou o anjo bom d'aquella casa. Incommódo tão pouco minha tia, que se passam tres dias que a não vejo.

MEDICO

Oh! essa indifferença é muito amavel! Está plenamente justificado o senhor Jorge...

JORGE

Pois não acha?! E aquella pequena, afillhada de minha tia, que tem?

MEDICO

Não sei.

JORGE

Aquillo é paixão, não lhe parece?

MEDICO (*ironico*)

Será... talvez paixão... por v. s.^{da}

JORGE

Nada, não é por mim. Deixe estar que eu hei de contar-lhe um segredo com que o meu amigo pôde acreditar muito a sua medicina.

MEDICO

Agradecido, e vamos emparceirados. Olhe se me faz um doutor sangrado, que eu depois faço-o ao senhor o meu Gil-Braz.

SCENA V

OS MESMOS, E ALFREDO DE TOVAR

ALFREDO, (*quebrantado e livido, proferindo a custo as palavras*)
 Senhor doutor, bom dia. Desejava vêr-te, Jorge.

JORGE

Procurei-te já tres vezes, e o guarda-portão disse que não recebias! Suspeitei da veracidade da defeza, lembrando-me se seria só para mim...

ALFREDO (*risonho*)

Das duas: uma: és simples, ou mau.

MEDICO

O senhor Jorge... *simples!* Isso é o mesmo que injuriar-o! O senhor Jorge não quer passar por isso.

JORGE

Como te dás com este doutor? Já te adivinhou a molestia? Se as receitas forem como os epygrammas... Diz-me cá: porque não vaes convalescer a Bemfica?

ALFREDO (*a meia voz*)

Ignora tudo...

JORGE

O doutor é o medico de minha tia e de Luiza; são dois doentes. Tu vaes tambem, tres. Eu arranjo uns tuberculos provisórios, quatro... fazemos d'aquella casa um hospital de doentes romanticos. Valeu!

ALFREDO

Quem me dera o teu bom humor, Jorge... (*Ao medico*) Então, a senhora D. Emilia está de cama?

MEDICO

De cama, não: aquella senhora ha de morrer a pé... tem um aneurysma. (*A Jorge*) O senhor não tenha a imprudencia de lh'o dizer...

JORGE

Ó doutor, eu terei aneurysma? Sabe vossê que eu, quando tenho dinheiro, dou duzentas e setenta e cinco pulsações por minuto! Ora apalpe... (*Dando-lhe o pulso*) Se eu dér uma pulsação agora, corto as orelhas.

MEDICO

O que o senhor tem é um principio de encephalite. A sua cabeça tem grandes lesões.

JORGE

Olhe que eu sei de cór o meu *Molière*, doutor...

MEDICO (a Alfredo)

Vamos cá... deixe vêr este pulso. Houve novo vomito de sangue?

ALFREDO

Durante a noite, duas vezes. (*Cahe n'uma profunda concentração*).

JORGE

Queres tu ir para Bemfica? Eu tenho ahi o meu *gig*. Venha tambem, doutor, que eu vou na almofada.

MEDICO

O senhor Alfredo não póde sahir sem grande recato; todavia, se o espirito lhe acceita o passeio como divertimento... Que diz, senhor Tovar?

ALFREDO

Como? não ouvi bem...

JORGE

Se queres ir a Bemfica.

ALFREDO (*estremecendo*)

Não.

JORGE

Doutor, eu sou intimo amigo de Alfredo, e vou fazer, por isso mesmo, uma revelação de que depende a sua prompta melhora.

MEDICO

E eu desejo-a.

ALFREDO

Jorge! discrição!

JORGE

Está bom... não te impacientes: eu não digo nada.

MEDICO

Senhor Alfredo, o que este senhor sabe posso eu sabê-lo... Consinta que elle me anime, fazendo essa revelação, a fallar-lhe como amigo, pois que até aqui só tenho podido operar como medico.

ALFREDO

Jorge nada sabe.

JORGE

Pois eu nada sei?! Ó Alfredo, eu não sei nada?!

ALFREDO

Não.

JORGE

Sei tudo.

ALFREDO

Diz o que sabes.

JORGE

Alfredo ama a afilhada de minha tia, quer casar com ella, mas o pae nega-lhe consentimento. Aqui está o mysterio em quatro palavras, e agradeçam-me o laco-nismo, porque hoje não ha mysterio que não tenha tres volumes, pelo menos.

ALFREDO (ao medico)

Meu amigo, Jorge foi verdadeiro e falso. Amo essa menina, quiz casar com ella; o mais é falso: meu pae ignora tudo.

JORGE

Então como se explica a tua ausencia d'aquella casa, a doença de minha tia, a doença de Luiza, e a tua doença? Este hospital de sangue e lagrimas, o que é?

ALFREDO

Poupem-me a explicações. (Ao doutor) Sinto um mal-estar indefinivel, um esvaecimento que me aneia. (Re-costa-se no sofá).

MEDICO (apalpando-lhe a testa)

Está suando copiosamente... é um vágado. Senhor Alfredo!

JORGE

Está sem sentidos? (Á parte) É romantico!

MEDICO

Está. Venha cá. (Afastam-se) O senhor tem a certeza do que disse?

JORGE

Ora, se tenho! Não o contrariei para o não mortifi-car; mas a verdade é esta. Alfredo ama Luiza furiosa-

mente. Isto é um evangelho. Para um rapaz honrado são fataes os dois bicos do dilemma do amor: Quer casar, e não tem meios. Minha tia naturalmente não dá nada á afilhada, porque é uma grande sovina, e o pae não lhe dá nada a elle. Agora, doutor, com esta noção symptomatologica (que palavra tamanha!) está na sua mão cural-o. Faça com que este Bernardo lhe dê uns trinta contos para comêço da vida, e verá que se acredita como medico espirital; porque tem a habilidade de curar tres pessoas ao mesmo tempo, a saber: elle, Luiza, e minha tia.

MEDICO (*enfadado*)

O senhor é um trapalhão! Adeus, meu amigo! Está sempre fallando em estylo de dom Bibas, e o assumpto é grave de mais para joralidades.

JORGE

Fique no que lhe parecer, doutor. Vou-me embora.

SCENA VI

OS MESMOS, E UM CRIADO

CRIADO

Aqui está o senhor Jorge de Sá?

JORGE

Sou eu.

CRIADO

Tem a bondade de descer ao pátéo?

JORGE

Que é?

CRIADO

Faz favor de se não demorar. (*Jorge sahe*).

MEDICO (*ao criado*)

Venha cá: o que é isso lá no pátéo?

CRIADO

Entraram dois officiaes de diligencias, e perguntaram pelo senhor Jorge de Sá para o fazerem depositario do carro e do cavallo que lhe penhoraram na rua.

SCENA VII

OS MESMOS, E DEPOIS JORGE

MEDICO

Está bom; pôde ir. (*O criado sahe*) Bem diz D. Emilia, que este homem é o seu flagello!... Senhor Alfredo!

ALFREDO

Estou melhor... passou-me a agonia. Ouvi tudo o que ahi se disse, doutor. Olhe que Jorge mentiu segunda vez... Que coisa é essa d'uma penhora?

MEDICO

Rapaziadas... Penhoraram o carro de Jorge...

ALFREDO

Meu amigo, vá remediar de qualquer maneira esse vexame, antes que meu pae dê fê...

JORGE (*ao medico, não reparando em Alfredo*)

Ó doutor, o senhor tem ahi doze libras que me empreste até logo, para me livrar da desfeita d'um canalha? Eu escuso de ir ao páteo, que já sei o que é... Empresta-me doze libras?

MEDICO

Aqui, não senhor; mas, se se demora, chego a minha casa buscal-as.

ALFREDO

Ó senhor doutor, queira entrar no meu quarto, e trazer esse dinheiro do que lá ha de estar nas gavetas do toucador. (*O medico sahe*).

SCENA VIII

JORGE E ALFREDO

ALFREDO

Não digas a Luiza que me viste n'este estado.

JORGE

Palavra de cavalheiro, não digo... Porque não casas tu contra a vontade de todo o mundo, e não levantas a tua legitima materna?!

ALFREDO (*com docil paciencia*)

Cala-te, que me torturas!...

SCENA IX

OS MESMOS, E O MEDICO

MEDICO

Aqui estão as doze libras!

JORGE (*aceitando com sofreguidão*)Lança em nossas contas, Alfredo... e até logo. (*Sahe*).ALFREDO (*sorrindo*)

Em nossas contas!... É um desgraçado com exterior bem feliz este rapaz!

MEDICO

Dá cabo da casa da tia, e da d'elle.

ALFREDO (*erguendo-se*)

E da sua honra, que é o peor... Queria-me deitar, meu amigo.

MEDICO

Seu pae disse-me agora, que desejava fallar-lhe, logo que estivesse só: Não pôde?

ALFREDO

Posso... faço um esforço.

MEDICO

Eu retiro-me, e virei depois. Cedo o lugar a outro medico de que espero a sua cura.

ALFREDO (*sorrindo tristemente*)Sim?... a minha cura... (*senta-se*). (*O Medico sahe*).

SCENA X

ALFREDO E DEPOIS BERNARDO DE MASCARENHAS

ALFREDO

Meu pae vem lembrar-me a obrigação de lhe contar a minha vida. (*Erguendo-se, vendo entrar o pae*).

MASCARENHAS

Senta-te, Alfredo. O mesmo estado, sim? (*palpando-lhe as mãos*).

ALFREDO

Pouco allivio sinto.

MASCARENHAS

Que ha na tua vida, Alfredo? Quero vêr o teu coração...

peço, como amigo, e exijó como pae. Diz-me que soffri-
mento moral é o teu. Se me respondes com evasivas, des-
conheço em ti o meu filho sincero e franco sempre comigo,

ALFREDO

Sempre, até morrer, meu pae.

É o filho que responde ao amigo... Amo ha tres
mezes uma orphã pobre, afillhada d'uma senhora a quem
fui apresentado. Não tinha amado nunca. Foi uma ado-
ração a minha, cheia de tormentos, porque me estava
sempre aterrando o receio de perdê-la. Eu sabia que
havia de morrer... perdendo-a.

MASCARENHAS

E perdeste-a? morreu?

ALFREDO

Antes morresse... estava, esta hora, esperando-me
n'outra vida melhor...

MASCARENHAS

Trahiu-te?

ALFREDO

Não, meu pae... primeiro seria eu capaz de atraí-
coal-a, amando-a tanto... Não me trahiou... Perdôa o que
eu vou dizer-lhe?

MASCARENHAS

Perdôo, filho, diz tudo.

ALFREDO

Eu não suppliquei o consentimento de meu pae para
pedir Luiza a sua madrinha. Foi instantanea esta resolu-
ção. Tencionava vir de lá ajoellar-me a seus pés, e dizer-
lhe: não lhe peço um ceitil: supplico a sua benção para ella.

MASCARENHAS

E pediste-a?

ALFREDO

Pedi: enchi de jubilo o coração da excellente madri-
nha, choravamos todos tres de felicidade...

MASCARENHAS

E depois?...

ALFREDO

Fallei da minha familia... (*Muito afflicto*) Não posso
continuar, meu pae...

MASCARENHAS
 Alfredo, não consinto o teu silencio, ainda que seja um crime.

ALFREDO

Crime não, é uma culpa.

MASCARENHAS

Falla, Alfredo.

ALFREDO

Fallei de minha mãe com muita saudade e dó: disse que ella fôra uma martyr... e proferi o nome de meu pae com doloroso azedume. (*Vae lançar-se-lhe de joelhos; e o pae levanta-o*) E mal proferi o seu nome... a madrinha de Luiza... exclamou: « Está tudo acabádo entre nós: não lhe dou minha afilhada; seja honrado não voltando mais a esta casa... » E eu sahi com o frio da morte no coração... para esta longa agonia... Disse tudo, meu pae.

MASCARENHAS

Quem é essa senhora?

ALFREDO

A madrinha de Luiza é D. Emilia.

MASCARENHAS

Onde vive?

ALFREDO

Em Bemfica.

MASCARENHAS

Sabes se essa senhora foi relação de tua mãe?

ALFREDO

Creio que não... de certo não foi.

MASCARENHAS

Suppões que o seres filho d'um homem, cuja mulher... viveu desgostosa, é a causa d'essa retratação?

ALFREDO

Não posso imaginar outra.

MASCARENHAS

Alfredo, eu quero vêr essa senhora. Teu pae vae justificar-se diante d'uma mulher que nunca viu. Quero provar-lhe que não é herança de família, n'esta casa, o martyrio das mulheres. Essa menina será tua esposa, ou eu provarei que D. Emilia está demente.

ALFREDO

Meu pae! (*Abraçando-o*) Não a faça soffrer...

MASCARENHAS

Irás amanhã comigo a Bemfica; e ficarás na sege em quanto não puderes transpôr com honra o limiar d'essa casa.

SCENA XI

CRIADO E OS MESMOS

CRIADO

Uma carta para o senhor Alfredo. (*Sahe*).

ALFREDO

É de Luiza. (*Grande sobresalto, treme para abri-la e não pôde*) Veja, meu pae.

MASCARENHAS (*lendo*)

« Alfredo, diz-me que vives. Meu querido irmão, não
« me expulses de tua alma até que eu morra. Se fôres
« adiante de mim, abençoâ os meus paroxismos. Minha
« madrinha diz que morre, e que me ha de dizer a causa
« da nossa desgraça á hora da morte. Qual será, meu
« Deus?!.. Não posso mais. A febre tira-me a vista.. Deus
« me leve depressa... » Eu respondo a esta carta, Alfredo.

ALFREDO

De que modo, meu pae?

MASCARENHAS

Tres palavras: *esperança, minha filha*, e assignarei o meu nome.

SCENA XII

UM CRIADO, OS MESMOS, E DEPOIS O CONSELHEIRO

CRIADO

O senhor conselheiro Nobrega.

MASCARENHAS (*alvorocado*)

Que entre. (*Para Alfredo*) Precisas repouso, filho, vae ao teu quarto.

CONSELHEIRO

Olé! o nosso Alfredo está melhor! Isto já é ar de vida!

ALFREDO (*apertando-lhe a mão de passagem para o quarto*)

Creio que sim, senhor conselheiro... (*Sahe*).

SCENA XIII

MASCARENHAS, E O CONSELHEIRO

MASCARENHAS
Que volta tão rapida é esta?!

CONSELHEIRO

Eu não te disse que a Providencia nos auxiliaria?

MASCARENHAS *(com vehemencia)*

Que é?! encontraste?!

CONSELHEIRO

Estou no caminho... Creio que encontrarei.

MASCARENHAS

Aonde?

CONSELHEIRO

N'uma aldeia visinha de Lisboa.

MASCARENHAS

Está solteira?

CONSELHEIRO

Está solteira.

MASCARENHAS

Aonde? aonde? Ó Providencia!

CONSELHEIRO

De vagar, Mascarenhas. O agente principal sou eu. Antes que a vejas, hei de eu vê-la. Quero prevenil-a, para que a não mates com a surpresa. É muito possível!!! Amanhã sou eu o que vou. Depois iremos ambos.

MASCARENHAS

Tens a certeza de que é ella?! Diz, meu amigo... a certeza?

CONSELHEIRO

A certeza. A cem passos da tua porta encontrei o proprio irmão d'ella; d'elle soube tudo.

MASCARENHAS *(com solemnidade)*

Meu amigo!... antes que a felicidade me mate, deixa-me agradecê-la a Deus. *(Ergue as mãos)*.

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

Uma saleta com alcovas lateraes, e porta ao fundo.

SCENA I

LUIZA (*chamando a uma porta do lado, a meia voz*)

Minha madrinha, minha madrinha!... Parece que dorme. Nossa Senhora queira... Minha madrinha! (*Afasta-se*) Tudo me aterra! Estou sempre a recêar que o seu somno seja o ultimo... (*Torna a escutar á porta que abre subtilmente*) Respira alto... este dormir ha de fazer-lhe bem. (*Tirando uma carta d'entre as páginas d'um livro*) Queria mostrar-lhe esta carta. Tenho chorado tanto sobre estas letras... (*Lê*) « Esperança, minha filha = Bernardo de Mascarenhas. » É o pae d'elle... Pois se Alfredo está tão doente que não pôde escrever-me... que esperança é esta que me promettem!... Será a do céu!... Deus m'a realise depressa. (*Ouvindo passos, esconde o bilhete*).

SCENA II

LUIZA E JORGÊ DE SÁ

LUIZA (*com o dedo no nariz*)
Sio! sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha!

JORGÊ (*pé ante pé*)
Eu fallo baixinho... Não sabe? estive com Alfredo.

LUIZA (*com vivacidade*)
Aii! esteve? Senhor Jorge, esteve?

JORGE (*comicamente*)

Sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

LUIZA

Elle como está?

JORGE

Doente: mas não é nada. Eu receitei-lhe, e o rapaz, se o facultativo assistente seguir o meu methodo, está curado.

LUIZA

Receitou-lhe?!...

JORGE

Sim, Luizinha. Declarei onde estava a enfermidade, e a maneira de a debellar.

LUIZA

Então?! onde é que está?

JORGE

Olhe, menina: eu sei tudo, e, por saber tudo, disse o que sabia, para salvar-os ambos. Creia que sou seu verdadeiro amigo. Alfredo quer casar comsigo, e o pae d'elle não consente. É isto, ou não é?

LUIZA

Não; senhor Jorge, não.

JORGE

Agora vejo que me julgam ambos um grande lôrpa! Então que é?!

LUIZA

Não sei, não sei...

JORGE

Não sabe! ora essa!... Não me acha digno do segredo? Seja o que fôr... Que serviços quer a menina que eu lhe faça para se realizar o seu casamento?

LUIZA

Valha-me Deus, senhor Jorge, não fallemos em casamento, não?... Diga-me o que me queria, quando ha pouco me disse que precisava muito fallar-me.

JORGE (*com gravidade*)

Eu lhe digo; minha boa amiga: precisava contar com o seu excellente coração para lhe não ser importuno. Attenda-me, Luiza. Eu tenho sido um rapaz muito ex-

travagante, tenho comprado muito caras as minhas loucuras, tenho desbaratado o meu e o alheio. Estes rapazes de Lisboa perderam-me, arruinaram-me, estou empenhado; e amanhã estarei deshonorado, coberto de opprobrio, não acharei uma pessoa de bém que me aperte a mão. Isto é horrível, minha amiga; para um homem cavalheiro, brioso por sangue, sangue de velha raça portugueza! Querem atar-me a um poste de ignominia... Querem matar uma alma nobre!... Comprehende o meu infortunio, Luiza?

LUIZA

O senhor Jorge tem desprezado os conselhos de sua boafia...

JORGE

Era tarde para aproveitá-los. A minha honra estava já hypothecada por grandes quantias, quando minha boafia me disse que eu ia, pelo caminho da deshonor, direito ao abysmo da perdição. Hoje quero rehabilitar-me, e não tenho quem me proteja. Quero sacudir o jugo dos credores, e a cada dia me sinto mais curvado debaixo d'elle. Isto é atroz, infernalmente atroz. (*Com esgares melodramaticos arripando a cabelleira*).

LUIZA

Não se mortifique assim, senhor Jorge. De Deus virá o remedio. Falle com minha madrinha, que é um anjo: exponha-lhe as suas penas, e verá como ella se condõe: diga-lhe tudo...

JORGE

Eu já não acho sensibilidade no coração da minha tia...

LUIZA

Não diga isso, que é uma calumnia. Minha madrinha não repelle na desgraça as pessoas estranhas, menos o fará a seu sobrinho.

JORGE

Não tenho coragem de pedir-lhe mais dinheiro... Preciso d'uma quantia grande.

LUIZA

Quer o senhor Jorge que eu lh'a peça? Eu lanço-me

de joelhos aos pés d'ella, e digo-lhe o que diria para acudir a um meu irmão.

JORGE

Obrigado, Luiza: o seu coração é uma joia sem preço n'este mundo; mas não aceito o seu favor, porque sei que minha tia não me dá o dinheiro que preciso para resgatar a minha honra. Temos um meio, um unico meio, minha querida amiga, e esse depende todo da sua compaixão.

LUIZA

Qual é, qual é?

JORGE

Faz-me um favor impagavel, Luiza? quer salvar-me? promette fazer o que eu lhe pedir?

LUIZA

Oxalá que eu possa!

JORGE

Olhe, minha amiga, eu estou para receber brevemente a legitima de minha mãe. D'aqui a um mez estou rico; mas os meus creditos não podem sustentar-se até lá. De hoje até então preciso uma grande quantia, que pagarei impreterivelmente. Luiza, na sua mão está salvar-me. Minha tia tem um aderêço de brilhantes, que nunca poem. Luiza sabe onde elle está. Emprésteme-m'o, eu obtenho sobre elle o dinheiro que preciso, e d'aqui a um mez restituo-lhe o aderêço.

LUIZA

Ó senhor Jorge!... eu não faço tal...

JORGE

Porque?!

LUIZA

Não sou capaz de tocar n'um alfinete de minha madrinha.

JORGE

Mas, Luiza, não vê que d'aqui a um mez estão as joias no mesmo lugar, sem a tia ter dado fé de se lhe tocar?!

LUIZA

Não posso, não posso, faz-me trêmer só a ideia de

abrir as gavetas de minha madrinha!... Pelo amor de Deus não me peça semelhante coisa, senhor Jorge! (*Vê-se D. Emilia espreitando da porta da alcova.*)

JORGE

Então... folga com a minha deshonra? quer que eu seja vexado? Entendo-a, minha prezadíssima amiga! Espera ser herdeira de sua madrinha, e receia ficar sem as joias... Eu farei sempre de perto a sua velhacaria com capa de innocencia... Está enganada!... Hei de disputar-lhe a herança até á ultima rodilha d'esta casa! Hei de provar-lhe que na herança d'um governador de Loanda não póde succeder... *uma engeitada...* (*Sahe*).

SCENA III

LUIZA E DEPOIS D. EMILIA

LUIZA (*soluçando*)

Meu Deus! peço-vos sempre a vida de minha madrinha; recebi agora as minhas orações com o merecimento d'esta nova dôr! (*Ouve-se uma campainha. Luiza corre ao quarto de D. Emilia, e encontra-a a sair. D. Emilia encosta-se-lhe ao hombro.*). Como se sente, minha madrinha?

D. EMILIA

Pareceu-me ouvir a voz de Jorge.

LUIZA

Saliu agora d'aqui.

D. EMILIA (*ironica*)

Veio saber de mim, sim?

LUIZA

Veio... sim... minha senhora...

D. EMILIA (*a meu voz; beijando-a*)

Que anjo! (*Alto*) Não o vi ha tres dias... (*Senta-se*) É um homem muito desgraçado, não é. Luiza?

LUIZA

É, é, minha madrinha!...

D. EMILIA

Já não sei o que hei de fazer para o melhorar!!

Aquillo é destino. Ainda agora... tolera-se muito desatino a um rapaz de vinte e dois annos; mas o seu fim de vida... ha de ser triste...

LUIZA

Minha madrinha ainda podia valer-lhe...

D. EMILIA

Eu!? dizes-me tu isso, Luiza?! Valer-lhe!... Como?

LUIZA

Dê-lhe dinheiro para elle pagar as suas dividas.

D. EMILIA

E se as dividas de Jorge absorvessem tudo o que eu tenho?

LUIZA

Não será tudo... pouco que nos fique bastará para nos sustentarmos. Se não chegar, eu trabalharei; e, com o meu trabalho, irei pagando á minha madrinha o desvelo com que me fez ensinar tantas prendas.

D. EMILIA

E que farias tu, depois da minha morte, se ficasses pobre?

LUIZA

Não me falle na sua morte... não?...

D. EMILIA

Oh! a mãe que puder apertar ao seio uma filha assim, ajoelhe e diga ao Senhor que o coração d'essa filha está perdido n'este mundo... Eu quero fallar a Jorge... Vae, filha, e diz a um criado que o avise de que eu o estou esperando.

LUIZA

Consegui a sua protecção ao senhor Jorge? diga-me que sim, madrinha, diga!...

D. EMILIA

Vae... vae, Luiza. (*Luiza sahe*).

SCENA IV

D. EMILIA

Eu tenho sido uma vil mulher!... Deus deu-me este thesouro, e eu escondi-o. É ella a que me enche o co-

ração de nobre orgulho, e eu... reneguei-lhe o nome. Filha do crime... e dotada de tantas virtudes!... Escondi esta minha riqueza aos olhos da sociedade, mascarei-a com um titulo falso em respeito ao mundo, e o mundo que me dá por este sacrificio?!... Sou duas vezes des-honrada aos meus proprios olhos!... Se não soube ser virtuosa... devia saber ser mãe. (*Soluçã, escondendo o rosto*).

SCENA V

D. EMILIA E JORGE

JORGE

Chamou-me, minha tia?

D. EMILIA

Chamei-o para implorar a sua misericordia.

JORGE

Como, minha tia?

D. EMILIA

A victima pede alguns dias de tregoa. Deixe-me morrer tranquillamente... retire-se d'esta casa, villão!

JORGE

Villão! eu sou homem a quem se chame *villão*! Explique-se... Que crimes fiz eu?

D. EMILIA

O senhor não fez crimes, no crime ha muitas vezes um ar de nobreza... O senhor o que tem são infamias.

JORGE

Compreendo... Sei onde se esconde a vibora. Poderei ter infamias; mas por mais infamias que tenha, falta-me uma: não fui engeitado, nem sou um miseravel que mão piedosa ergueu da lama. Hei de pagar a todos o insulto com usura. É a divida mais sagrada que tenho.

D. EMILIA (*de pé convulsiva*)

Eu sou uma mulher, senhor!... Grito por soccorro, se se demora um instante. É o opprobrio da minha familia. Principiou pelo vicio, e acabou por suggerir o

roubo! Quiz corromper o coração d'um anjo, que lhe ha de um dia matar a fome com algumas migalhas de pão...

JORGE (*rindo*)

A mim?!... veremos... (*Sahe*).

SCENA VI

D. EMILIA, UM CRIADO, E DEPOIS O PRIOR DE BEMFICA

CRIADO

O senhor prior espera as ordens de v. exc.^a

D. EMILIA (*prostrada*)

Que entre... Oh Sancto Deus, que fim de vida o meu!

PRIOR

Em que sobresalto a encontro, minha senhora!...

D. EMILIA

Estou muito opprimida... O senhor é um justo; peça a Deus por mim, que vou d'este mundo espedaçada fibra a fibra.

PRIOR

Vae, vae, minha querida senhora... E a bemaventurança para quem é?! Agora, que está raiando para v. exc.^a o sol do dia eterno, é cantar louvores ao Senhor. Bemditas sejam as mágoas no fim da vida, que são as ultimas flôres onde se geram os fructos do céu. Animo, minha sancta senhora!...

D. EMILIA

Escreveu, senhor padre Antonio?

PRIOR (*tirando do bolso da batina um rolo de papel*)

Sim, minha senhora; organizei os seus apontamentos; mas falta-me encher dois espaços, que v. exc.^a deixou em claro.

D. EMILIA

Bem sei: queira lêr esse artigo.

PRIOR (*lendo*)

«Instituo minha universal herdeira Luiza Amelia, minha afilhada, pelo muito que me merecem a sua amizade e serviços. (*Vê-se, ao fundo, Jorge espreitando*);

Nomeio meu testamenteiro o exc.^{mo} snr!... » Aqui está um espaço em branco.

D. EMILIA

Faz favor de encher: (*dictando*) « Nomeio por meu testamenteiro o exc.^{mo} snr. Bernardo de Mascarenhas, residente em Lisboa, na calçada do Marquez d'Abrantes. » Queira lêr o que se segue.

PRIOR

« E para merecer ao citado testamenteiro os seus bons officios e zelosos cuidados a favor da minha dita afilhada Luiza Amelia, peço e supplico ao exc.^{mo} snr. Bernardo de Mascarenhas, que preste toda a consideração e benevolência á minha ultima vontade, como se essa consideração e benevolencia lhe fosse pedida pela mãe de Luiza Amelia, a qual, ha dezoito annos, se chamava... » Aqui está outro espaço. (*Jorge desapparece*).

D. EMILIA

Faz favor de encher: « que ha dezoito annos se chamava Amalia de Sá. » Senhor padre Antonio... isto aqui é um confessorario... chame um tabellião para encerrar esse testamento que deposito em suas mãos... Espere... (*escutando*) Eu ouço a voz de meu irmão... Deixe-nós sós. (*O prior sahe*).

SCENA VII

D. EMILIA DE SÁ E FRANCISCO DE SÁ

FRANCISCO DE SÁ

Eu venho a chamar desde a porta da rua, e ninguem me falla. Como queres que te chame, Amalia ou Emilia? Será Emilia, visto que te chrismaste. Como tu estás acabada, mulher! isso que é?

D. EMILIA

É a velhice.

F. DE SÁ

Qual velhice! Tu tens trinta e nove annos, e eu quarenta e cinco. Como vae a tua afilhada? Eu não sei nada. O Jorge só me escreve quando quer dinheiro. Não sa-

bes quem hontem me pediu novas tuas com muito interesse? O Nobrega. Não te lembras d'um rapazote, que era Juiz de fóra, em Evora, em 1828? um rapaz que suciava muito com o cadete Mascarenhas? Olha, olha, inda não podes ouvir este nome sem mudar de côr! Isso é que foi amor com raizes... Pois o conselheiro Nobrega filou-me na calçada do Marquez de Abrantes, e fez-me dizer onde estavas, se eras solteira, casada, viuva... emfim, estou a vêr que o homem te quer fazer a côrte...

D. EMILIA

Falla tanto, e tão alto, mano!

F. DE SÁ

Se te parece, ha tres annos que te não vejo!... E o rapaz como se porta!...

D. EMILIA

É por causa de seu filho que o mandei chamar. A sua existencia n'esta casa é impossivel. Tenho esgotado todos os meios da prudencia. D'antes era tratada com indifferença; agora sou insultada.

D. DE SÁ

Insultada! Onde está esse patife!...

D. EMILIA

Não quero motim. Procure seu filho, e tire-o de minha casa sem desordem.

F. DE SÁ

Está segura, mana, deixa-o comigo. Elle está em casa?

D. EMILIA

Não sei.

F. DE SÁ

Eu vou procural-o. Porque me não avisaste ha mais tempo? Ora isto, ora isto! (*Sáhe*).

SCENA VIII

D. EMILIA, LUIZA E DEPOIS O MEDICO

LUIZA (*com uma tigella, um guardanapo, e colhér*)
Trago-lhe um caldinho, minha madrinha. Faz-me o sacrificio de o tomar? O senhor doutor vem ali.

D. EMILIA

Dá cá: (*depondo-o na mesa*). Deixa arrefecer.

MEDICO

Como estamos nós? O pulso está muito fraco! (*Tomando a chavena*) Tome o caldo.

D. EMILIA

Está muito quente.

MEDICO

Arrefece-se. (*Senta-se basculejando o liquido com a colhér, e reparando*).

LUIZA

Não lhe parece que minha madrinha está melhor?

D. EMILIA

O doutor diz sempre que sim.

LUIZA

Então?! não responde? (*O doutor ergue-se examinando mais attentamente o caldo*) Que está a vêr? (*O doutor prova o caldo e repelle-o da boca*).

MEDICO

Este caldo ferveu em invasilha de cobre?

LUIZA

Não, senhor! que lembrança!

MEDICO

Aqui... ha veneno.

LUIZA (*arreatando-lhe á chavena*)

Jesus!

D. EMILIA

Veneno!

MEDICO (*serenamente*)

Veneno, sim; mas aquelle já a não mata... A sua situação, não obstante é horrivel, minha senhora... Isto é muito grave... Tem suspeitas?...

D. EMILIA

Tenho. (*A Luiza*) Onde está Jorge?

LUIZA

Oh meu Deus!

D. EMILIA

Falla, Luiza... onde viste Jorge? debaixo de juramento t'o exijo!

LUIZA (com reluctancia)

Vi-o, ha bocadinho, accendendo um charuto ao fogo.

D. EMILIA (sorrindo)

Vê, doutor? é meu sobrinho que me envenena... Que situação! deixe-me sorrir... o extremo da desgraça tem esta expressão.

MEDICO

Remedio prompto, senhora D. Emilia!

SCENA IX

OS MESMOS E CRIADO

CRIADO

Apeou-se um cavalheiro d'uma sege, e pede a v. exc.^a o favor de o receber.

D. EMILIA

Não conheces?

CRIADO

Não, minha senhora.

D. EMILIA

Que situação para visitas sem familiaridade!... Que entre.

MEDICO (a Luiza)

Conduza-me á cozinha... (*Sahe*).

SCENA X

D. EMILIA, E DEPOIS BERNARDO DE MASCARENHAS

D. EMILIA

Reconheço a misericordia divina na coragem que me dá! Quasi que vi com indiferença a morte de tão perto!.. (*Bernardo dá alguns passos, e a distancia para de repente, postos os olhos immoveis em D. Emilia. Ella ergue-se d'impeto, quer afastar dos olhos uma torção, e encosta-se convulsiva ao espaldar da cadeira*).

MASCARENHAS (*indo para ella um passo*):

És, Amalia! és tu?... (*D. Emilia faz-lhe um signal impetuoso de suspensão*) Não posso! Foge-me, se és uma sombra! És tu, Amalia? (*Cahe de joelhos aos pés d'ella, que lhe foge para ir cahir prostrada no sofá fronteiro. Mascarenhas ergue-se, e segue-a lentamente*). O infamê que não teve coragem de matar-se desamparando-te, o penitente de dezenove annos, o primeiro desgraçado da terra... pede-te perdão. Amalia! (*Ergue as mãos*) Ha dez annos que os meus cabellos embranqueceram. Olha para mim, Amalia. As lagrimas na face d'um velho são respeitaveis. Não deixes cahir sobre mim a sepultura sem me apagares, na alma, este inferno que vae continuar-se n'outra vida, Amalia! (*Ajoelha*) Amalia! perdão! perdôa-me! Eu sei que devêra ter morrido antes de me deixar prender ao cadaver d'outra mulher. Eu fui um covarde, receando um degredo, um veneno, uma morte traiçoeira que devia acceitar em desconto das tuas lagrimas. Confesso a teus pés a minha baixa alma, para que tu m'a eaves com o teu perdão, Amalia; perdôa-me, anjo de soffrimento, que me has de suavisar os meus ultimos dias! Perdôa-me! (*D. Emilia ergue-se com elle, e, soluçando um agudo gemido, cahe-lhe nos braços*).

D. EMILIA

Não podia esperar outra dôr ao pé da morte. Foi a Providencia que te encaminhou aqui. Eu devo abençoar a Providencia, e... abençoar-te. Vae em paz, meu infeliz amigo. Não me contes as tuas desventuras; que eu já as ouvi da bôca d'um filho, que chorava sua mãe... sei-as, adivinho-as... Vae... vae...

MASCARENHAS

Não! Encontrar-te para perder-te de novo! Oh! então a nossa Providencia seria um escarneo! Não, Amalia! O abysmo que nos separa está vencido... Agora uma só vida e morte para nós ambos. Não me repulses, que repelles Deus que me trouxe aqui!

D. EMILIA

Vens assistir aos meus paroxismos... Olha que se

morre assim... Vae, vae, por misericordia... (*Senta-se, soluçando*).

MASCARENHAS (*após instantes de meditação*)
Dae-me um raio de luz, Senhor! (*Rapido*) Amalia!
tu tens uma filha!... (*Ella encara-o assustada*) A mu-
lher que amava Alfredo, é minha filha!... Responde,
responde, que esta incerteza leva-me a uma demencia.

D. EMILIA (*suffocada*)

É...

MASCARENHAS

Mostra-m'a, mostra-m'a!

D. EMILIA

Vale-me, Mãe Sanctissima!... Escuta-me...

MASCARENHAS

É esta a felicidade que mata!... Amalia, deixa-me vêr
nossa filha!

D. EMILIA

Sim... eu chamo-a... Faz-me um juramento! Não
lhe dirás que és seu pae... Aquelle anjo condemna-me
pela ingratição de lhe não chamar filha até este momento.

SCENA XI

OS MESMOS, LUIZA E O MEDICO

MEDICO (*continuando a conversação com Luiza*)

Parece que o fim era o assassinio d'uma familia in-
teira! (*Vendo Mascarenhas*) Oh! v. exc.^a aqui! o senhor
Mascarenhas em Bemfica!? (*Luiza chega-se alvoroçada
para D. Emilia; os olhos de Mascarenhas seguem-na, e
assustam-na. O medico fixando-os todos*;) Aqui ha uma
situação excepcional! (*Mascarenhas aproxima-se vaga-
mente de Luiza, e toma-lhe a mão*).

MASCARENHAS

Está admirada de sentir o tremor d'esta mão?... Será
amor ou odio?... Escute o que o coração lhe vae dizen-
do... Nada? nada?! (*Afflicção em D. Emilia*) Eu não lhe
direi nada... (*A D. Emilia*) Venha cá, Luiza. (*Leva-a aos
braços da mãe*) Abrace-a, abrace-a... Não sente ahí ba-

ter o coração de mãe? Crê que essas lágrimas possa chorar-as uma madrinha? E agora... fuja d'esses braços de ferro que a apertam, deixe-se apertar ao meu seio; (*acompanha com acção as palavras*) não ouve, não sente, (*arreatado*) não sentes, filha, minha filha, não sentes um coração de pae?

D. EMILIA (*muito atribulada*)

Jêsus! (*Luiza estupefacta entre os dois*).

MASCARENHAS (*a Luiza*)

Então? nem uma lagrima? nem uma expansão de jubilo? Rejeitas aquella mãe? não queres que o pae d'Alfredo seja teu pae, e que o amado de tua alma seja teu irmão? (*Luiza, soltando um ai, corre a ajoelhar ao pé da mãe desfallcida.*) Doutor! tire-me d'aquelle lethargo... minha mulher!

MEDICO

Esperemos... isto passa.. (*tacteando-lhe o pulso*)

MASCARENHAS

Meu amigo! auxilie-me... meu filho está alli fóra n'uma sege; chame-o. (*O doutor sahe. Mascarenhas tomã a filha pela mão*) Luiza, quando tua mãe recuperar os sentidos, profere o meu nome, chama-me pae, e salvar-nos-has a ambos... Amalia, Amalia!

D. EMILIA (*sacudindo os cabellos dos olhos*)

Quem me chama?

LUIZA

É meu pae que a chama; é meu pae, minha querida mãe. (*D. Emilia ergue-se impetuosamente, e lança-se nos braços de Mascarenhas*).

SCENA XII

OS MESMOS, MEDICO E ALFREDO DE TOVAR

MASCARENHAS (*com Emilia abraçada, e Luiza*)

Vem cá, Alfredo. O spectaculo é de prantos abençoados por Deus. Pasma, filho? Teu pae está sendo o homem mais feliz da terra... Queres tambem sê-lo? Queres um amor immenso, e infinito, que se continue no

céo? É o amor de irmã. Vem cá: entrego-te este anjo para esse amor. Dou-te minha filha; é tua irmã; é filha d'esta martyr por quem viste soffrer um algoz desde que a razão te ensinou a vêr a desgraça. Luiza é tua irmã, Alfredo. Abraça-a com effusão de todo o teu amor... e se a mãe d'essa menina te merece um osculo de filho..

ALFREDO (*correndo a beijar a mão de Emilia*)
Minha mãe!

D. EMILIA (*abraçando-os a ambos*)
Meus filhos!... Agora... póde vir a morte!

SCENA XIII

OS MESMOS, FRANCISCO DE SÁ E JORGE DE SÁ

F. DE SA' (*espantado*)
Eu conheço este cavalheiro!... (*a Mascarenhas*).

MASCARENHAS

Bernardo de Mascarenhas, antigo amigo do senhor Francisco de Sá, e amanhã o marido de sua irmã.

F. DE SA'

Sempre me pareceu que vinham a isto! Minha irmã acho que o namorava desde 1828! É bem certo o dictado do casamento e mortalha que no céu se talha. Pois, senhor, eu sinto muito vir interromper estas alegrias de noivos com uma scena feia e triste. Venha cá, Jorge! Ajoelhe aqui aos pés de sua tia. Já! (*impellindo-o*) quando não espedaço-o! Peça perdão, de modo que todos ouçam!

MASCARENHAS (*erguendo-o*)

Eu perdôo, em nome d'ella, quaesquer que sejam as culpas. A misericordia do Senhor desceu hoje sobre todos nós.

ALFREDO

E é preciso que desça. Entre nós está um homem muito desgraçado, e é preciso que elle seja feliz. Jorge de Sá póde rehabilitar-se com o dinheiro n'esta sociedade, onde o dinheiro é o Jordão que lava todas as no-

doas. Minha mãe e irmã não carecem dos bens que possuem para serem felizes.

MASCARENHAS

Eu renuncio os bens de minha mulher em favor de seu sobrinho.

Dou-lh'os com uma condição. Ha de julgal-os sempre herança d'uma tia morta com veneno.

VOZES

Veneno!

D. EMILIA

Isto são palavras sem significação. Eu quiz dizer que nunca mais acceptarei na minha presença esse homem.

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, UM CRIADO E O CONSELHEIRO NOBREGA

CRIADO

O senhor conselheiro Nobrega.

CONSELHEIRO (*entrando, com grande pasmo, a D. Emilia*)

Eu vinha prevenil-a, minha senhora... Mas... acho que já não é preciso... (*Rindo*).

FIM

... de la ...

REVUE

... de la ...

REVUE

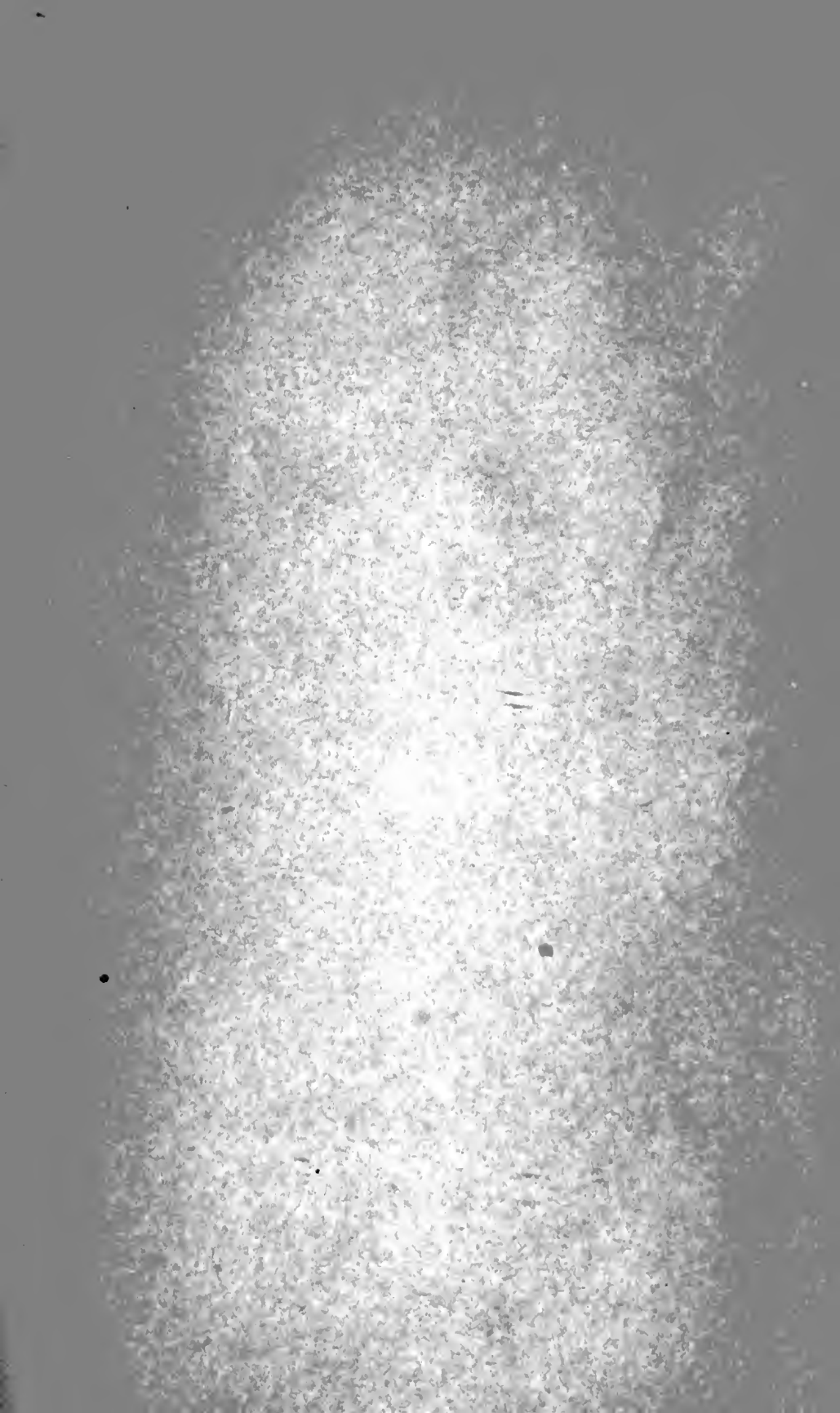
... de la ...

REVUE

... de la ...

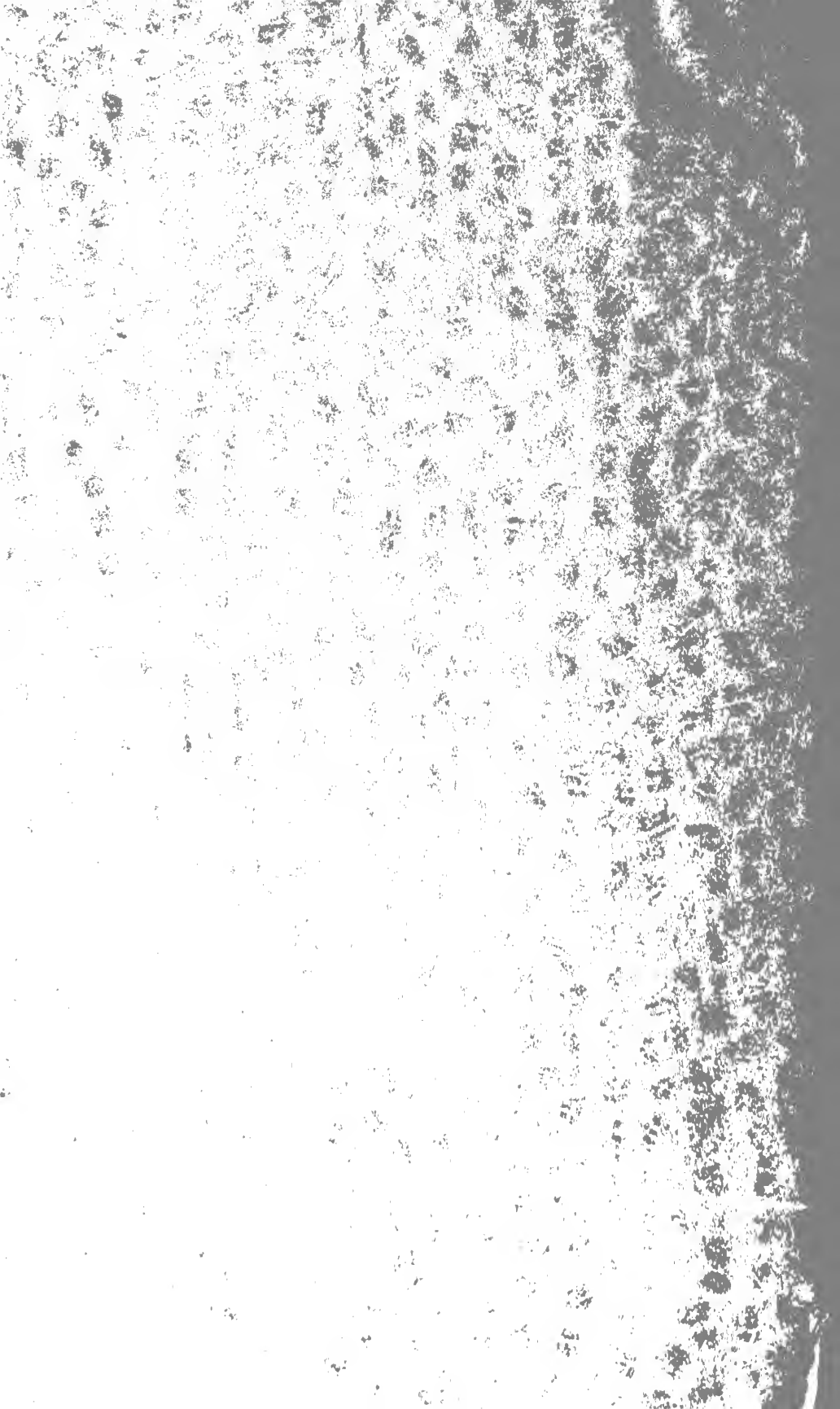
REVUE

... de la ...









PQ
9261
C3P8
1871

Castello Branco, Camillo
Purgatorio e paraizo
2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 07 016 3